

P O E M A S

NA MORTE DO POETA SAINT-JOHN PERSE

— Homenagem Poética —

Jaime Fernandes

EXÍLIO — I *

"Portas abertas por sobre as areias, portas abertas
para o exílio,
E as chaves entregues aos vigias, e o astro anelante
sobre a soleira:
Hóspede, deixa-me a tua casa de vidro sobre as areias...
E o Verão de gipso aguça seus ferros de lança em
nossas chagas,
E eu elejo um lugar flagrante e nulo como ossário
de estações,
E, sobre todas as praias do mundo, o espírito dos
deuses fumegantes deserta sua camada
de amianto.
E os espasmos do relâmpago são para o êxtase dos
Príncipes em Taurida."

— X — X — X —

A poesia de Saint-John Perse é um lugar de exílio, condição humana absoluta e constante, solidão desenraizada, metamorfose, transmutação do Homem na palavra. O exílio é um Humanismo (**os deuses fumegantes**) movediço (**as areias as praias, as estações, o Verão de gipso**), onde nunca se chega a entrar (nunca se passa da **soleira**), ainda que Príncipe, como Saint-John Perse o foi — dos Poetas e pelo nascimento numa pequena ilha das Antilhas Francesas, a ilha encantada e cantada Saint-Léger-les-Feuilles.

Poesia, Canto metamorfoseado em desenraizamento metropolitano, mais novaiorquino.

Poesia, canto de Aves solitárias em peregrinação —
... "a mesma gaivota em sua asa
a mesma gaivota em seu ninho,
voando velozmente
ligando as estâncias do exílio..."

* Tradução do original francês de PERSE por Jaime FERNANDES.

Poesia do Tempo, das Estações (**As Chuvas, As Neves**),
Mutação-Transmuta o, longínqua, de Poetas em Príncipes,
em voz que   palavra cristalina ("le mot rare").

Poesia da limpidez, onde as aves (**Les Oiseaux**)
constantemente ligam estâncias do exílio, mas também do
poema, em equivalências que só encontram paralelo no
Georges Braque dos últimos trabalhos.

As aves que lhe surgiram um dia nos Pireneus, na
figura de um espécime raro, o **Tichodroma muraria** (rosa dos
Alpes), nas asas da cria o contemporânea de Debussy
e de Vicente d'Indy, da amizade de Paul Claudel e André
Gide (que lhe publica os **Eloges** em 1911, um ano depois
da sua licenciatura em Direito).

As aves, que o levarão, qual exilado, às mais
longínquas partes do mundo em missão diplomática.

O Crusoé dos **Eloges**   a sua primeira imagem da
solidão (e do exílio):

"Crusoé! esta noite perto da tua ilha o céu que
se aproxima louvar  o mar,
e o silêncio multiplicar  a exclama o dos
astros solitários."

Solidão, densenraizamento, nostalgia da Guadalupe
distante e antepassada, tema comum da gera o seguinte em:
Aim  C saire, também antilhano (da Martinica), no **Cahier
d'un Retour au Pays Natal**; León Damas (Guiana Francesa),
no **Retour de Guyanne**; Léopold Senghor (Senegal), nos
Chants pour Naett.

— X — X — X —

Saint-John Perse pertence   categoria de Homens-Duplos,
no sentido que lhe d  A. Artaud/B. Brecht.

Embora toda a sua poesia seja uma "exper ncia vivida",
nunca ele consentiu que a sua vida pública fosse objecto
de compara o com a sua obra poética. Significa que o
homem-Alexis Léger nada tem de comum com o poeta-Saint-John
Perse. Significa aliena o do Homem que a ultrapassa, não
fugindo ao real, mas construindo um outro real/significante,
cujo grau de autonomia se alicerça num vocabulário
totalmente transfigurado que alimenta as suas
significa es internas.

O tempo de Alex's Léger é o tempo da decadência francesa, o tempo de Aristide Briand, com o qual se identifica politicamente e do qual foi o homem de confiança.

Durante vinte anos foi ele quem praticamente dirigiu a política externa francesa, de seu **bureau** do Quai d'Orsay. E é perante a grande ruptura de 40 que o Diplomata ganha consciência da alienação ("Plus vous avez et moins vous êtes" — citação de Roger Garaudy).

O Homem total, da esperança dos **Eloges**, na sua grande alegria de viver, torna-se, transforma-se no Homem alienado, complementar na negação e na revolta do seu humanismo ateu do **Éxil**. Só depois de muito amarmos podemos destruir: mar/amor, identificação total, do Homem sem limites, do universo paralelo do sonho tornado real, do homem que se faz a ele mesmo através da linguagem.

Poeta épico, sem dúvida; épico através de todos os climas, das viagens ininterruptas, das civilizações desaparecidas.

Construção de um Todo que se identifica com o Mundo ao qual nunca deixou também de pertencer ("il faut qu'il soit UN avec le TOUT").

Ascese do Exílio, que atinge a condição própria da linguagem transmutada em VOZ de toda a HUMANIDADE.

Eis os limites/ilimitados da sua Poesia.

RESPOSTA À "ARTE DE ARMAR"

Juril Campelo

Sim, Poeta,
há sempre estirpe de fênix
na ponta de tua língua —
enquanto cismo auto-consumida
caio na armadilha do discurso.

Agarro como posso o
fio do poema
que ressoa em vastos
horizontes reprimidos
tecidos pelo avesso
além e aquém da noite.

E da lavra que tu sabes
que sei eu?
Que sei da língua e
da linha que deleitam?
Não moro no recinto
das essências
mas participo ativamente
da derradeira
epifania do universo.
E, se, neste momento,
as coisas acontecem
em nós e além de nós,
discretamente,
joguemos com palavras
e silêncios o inútil jogo
do lugar-comum.

Inscrevamos nomes sobre mares
declinemos odes e sonetos
multipliquemos setes nos espelhos
Enunciemos, comutemos
que o sentido foge pela
fresta aberta pelo corte
epistemológico.

MADRUGADAS O LLUVIAS

Ciérnense las madrugadas por la Tierra
destiladas sin intención de astros mudos
y cubran las ciudades pétreas de los hombres.

El hombre duerme.

Velan ellas su destino

que se trama ignorado, tela de insectos terrestres
entre torres de cemento y campos de asfalto.

El despertar de la luz corta la urdimbre.

Bracea el hombre hacia la superficie

muévase hacia su vida sin pregunta mientras

acechan las madrugadas al planeta.

¿Y qué es la vida?

Aterradora soledad pluvial llamando a las ciudades del mundo,
las lluvias bajan sus dedos ávidos hasta la tierra.

Maravilla en movimiento, conclaman luces mortecinas, noches,
[negras,

trabajos se suceden entre las letargias del hombre.

La lluvia labra y labra su astro ciego

hasta arrancar la secreta respuesta.

Entonces repliega su asombrosa mano.

Miguelina Soifer

SARTREANA

Miguelina Soifer

Sólo el no ser
redimirá el fulgor
de ser
humano.

Invertida se hará la trayectoria
de tal mariposa extraña:
libélula transgredida por el ala de luz
hacia el germen grisáceo de su larva.
Letargo, inanidad, rigidez, abulia,
¿pagarán la pedrería del vivir?
La pedrería viva del vivir:
rubí de pensar,
ágata de sentir,
esmeralda de soñar
topacio, carbunco de querer legar.

Sólo el no ser
redimirá el fulgor de ser
humano.

Pero la sarta triste y matizada
de las cuentas de melancolía,
lágrima soledad, ansiedad, angustia,
o el inocente nervio castigado
en el contorno cárneo de la criatura?

Sólo el no ser redimirá el dolor
de ser
humano.

P O E M A S

Sigrid Renaux

MAR-POEMA

(5.º lugar no concurso de poesia promovido pela Academia de Letras José Alencar e Centro de Letras do Paraná — 27/6/80)

I —

na tarde suave do mar
sigo o roteiro das conchas —
indecifráveis signos profundos
das águas

na tarde alegre do mar
ouço ecos de vagas imprescrutáveis —
acalentos e risos de crianças
quebrando na praia

na serena tarde do mar
as nuvens refletem os indefiníveis
sonhos das ondas
e as cores e cantos do oceano
convergem
trans-bordando
re-criando na areia
o marpoema

II —

Pretinho passando na praia
levando tosco carrinho de mão
coberto de alegres latas vazias,
pequenas, grandes, coloridas.

Pretinho passando na praia
empurrando feliz seu carrinho de mão,
marcando ao longo da areia tão branca
a passagem pura e alegre da vida.

III —

sob o silêncio verde da madrugada
repousa o canto dos pássaros —

harmonias da natureza, sons suspensos
pairam nas folhas atentas —

melodias se cruzam e se esvaem
ecoando ao longo dos instantes oníricos
da manhã —
acordando-me

IV —

nova
mente
mar: imponderável
mente
novo

V —

pássaros marinhos
barcos distantes
emergem — submergem nas ondas

VI —

azul-marinho
revolto azul-onda
profundamente

branco

VII —

es puma
pluma flutuante
instante
in constante
antes
ex pluma

s u p e r f í c i e

à

jorram	irrompem
cintilantes	deslumbrantes
ascendem	sobem
extáticos	enlevadas
de cristais	de luz
miríades	centelhas
sons	melodias
submarinos	submersas

IX —

concha
cheia de mar
e de areia
conténs
em teu horizonte
o mundo
enclausurado
equilibrado
refletido

X —

nos degraus da areia
espelhos d'água:
fragmentos de sol
refletidos

XI —

Sinuoso
inSinuante
Sopro do vento
no mar
repouso-instante
das ondas
ouvindo seus ecos
no ar

XII —

nuvens desfazem constelações:
surgem formas novas,
linhas não mitológicas —
impassíveis,
as estrelas não registram o fato

XIII —

jardins antigos —
perfumes verde-musgo
em pétalas de vidro

XIV —

sol
dissolve mil verdes em ouro
inunda os campos de verão
esparrama nas nuvens pintadas
imagens impregnadas de luz

XV —

buscar a paisagem oculta
além da grande sombra verde das árvores —
reflexos escuros em vidros d'água —
relva sol-luz,
campo se eleva à nuvem
horizonte tocando numa flor

XVI —

mar pleno, saturado, transbordando
mansamente: maré cheia

XVII —

mar — manhã
brilhante de sol — coral:
surgem estrelas,
conchas rajadas reluzem na areia

XVIII —

nas entrecortadas linhas da praia
o mar desenha sua estória:
sempre inter-rompida
sempre a se re-fazer
sempre a se trans-formar —
onda contra onda, verde contra azul, espuma contra espuma,
signo enigma de um canto-encanto
forma flutuante do enlace indefinível
das águas e da areia